

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Volta de São Paulo*

Class.: *APOR 0001*

Data: *2 de janeiro de 1979*

Pg.:



Ao lado da ocupação institucionalizada das "agrovilas", a Amazônia sofre uma invasão predatória que o governo ainda não consegue controlar.

FAO divulga estudo sobre ocupação agrícola da AM

A revista "Ceres", editada pela FAO, Organismo das Nações Unidas para Assuntos de Agricultura e Alimentação, publicou, em um de seus últimos números de 1978, um amplo estudo sobre a ocupação da Amazônia, preparado por Payton Johnson, especialista em assuntos da América Latina, e jornalista credenciado junto à FAO. Aqui, publicamos parte da reportagem, a que diz respeito à ocupação agrícola dessa região.

"A agricultura e a silvicultura provavelmente representam o maior potencial da Amazônia. Só na Amazônia tem mais de 300 milhões de hectares de florestas tropicais úmidas inexploradas. Há também muita terra boa para fazendas, particularmente em Rondônia, onde os solos são ricos e estáveis. Contudo é preciso muita cautela.

Os subsolos das florestas tropicais são notoriamente pobres e frágeis. Uma vez cortada a superfície florestal, o delicado solo é exposto ao vento e ao sol; a erosão é extremamente rápida. Um novo pedaço de terra pode propiciar uma excelente colheita no primeiro ano, uma razoável no segundo, uma deficiente no terceiro e uma colheita realmente lamentável no quarto e último ano, antes que a terra se torne pó de laterita vermelha.

DESPERDÍCIO

"A silvicultura e a agricultura estão intimamente ligadas uma à outra na Amazônia", disse o dr. M.K. Muthoo que é indio e chefia um grupo da FAO/UNDP que, com o governo brasileiro desenvolve um projeto florestal. "Corte" a superfície da mata e estará se fazendo muito mais do que destruir uma preciosa floresta virgem. Poderá estar criando um recipiente de poeira."

No entanto, é isso o que aconteceu, à medida em que aumenta o número de colonizadores na Amazônia. Muthoo calcula que o Brasil perde 1 milhão de hectares de florestas por ano por causa de queimadas indevidas. Os ocupantes das terras penetram na floresta, derrubam a mata, queimam a vegetação cortada, cultivam esse pedaço de terra durante dois anos, até que o solo se esgote e depois vão em frente, repetindo esse mesmo processo destrutivo.

O dr. Muthoo e eu visitamos uma dessas áreas recentemente queimadas, a 100 quilômetros de Manaus. Troncos de árvores enegrecidos pelo fogo, alguns ainda fumegando e restos de vegetação espalhados por todas as direções. A desolação da queimada deixou uma mancha negra no lugar do verde luminoso da floresta. Triste paisagem que se repete por todos os lugares por onde passava, na Amazônia.

"É trágico, disse o dr. Muthoo, todo esse desperdício. Tal como o dinheiro que se gasta à toa. E não há nada a esperar senão maiores danos para o solo e a floresta."

De qualquer maneira, não é muito o que se pode fazer nesse sentido. A Amazônia é imensa, mas o fluxo de colonizadores está aumentando. Seria preciso todo o Exército brasileiro para controlar apenas um décimo da floresta.

A política oficial do Governo para a colonização é transferir um número relativamente limitado de homens sem terra, de áreas pouco favorecidas, sobretudo do Nordeste muito pobre, para as "agrovilas" criadas ao longo da Transamazônica e outros pontos onde as comunicações são pelo menos razoáveis. As agrovilas gozam do apoio do Governo e possuem alguma infraestrutura.

Uma vez que a corrida às terras se iniciou, usurpadores de terras invadiram também a Amazônia impondo suas próprias reivindicações como sistemas florestais. Enquanto não são expulsos pelo Exército e pela Polícia, os invasores pouco se incomodam com o que o Governo pensa a respeito de tais colonizações "não autorizadas". Eles são praticamente ignorantes e indiferentes a tudo quanto se refira à ecologia da Amazônia — em busca de uma chance, por menor que seja, para afastar a miséria de suas vidas.

BH também fará passeata contra

BELO HORIZONTE (Sucursal) — "Será realizada em Belo Horizonte uma passeata contra a exploração e devastação da Amazônia, da qual participarão entidades de bairros, estudantes e outros segmentos da sociedade" — informou ontem o secretário da Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente, Leonardo Peres, depois de repudiar a intervenção policial na passeata realizada em Manaus em defesa da floresta amazônica.

O presidente do Centro de Conservação da Natureza Hugo Wernerck, afirmou ontem que "a dissolução da passeata promovida pelo Comitê de Defesa da Floresta Amazônica em Manaus e a prisão de cinco participantes pela Polícia Militar não é de se estranhar, uma vez que o povo enxerga mais que o Governo e protesta contra a assinatura de contratos de risco para a exploração da madeira da Amazônia".

"Sufocando uma manifestação que equivale a um gesto de patriotismo, o Governo impede que cidadãos defendam o patrimônio brasileiro. A assinatura dos contratos de risco na Amazônia vieram para legitimar a devastação que já está ocorrendo, que está sendo impingida ao povo brasileiro", afirmou Hugo Wernerck. Sallentou ainda que "não resta dúvida de que a SUDAM — Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia e o Banco da Amazônia, que se vêm destacando no incentivo e financiamento de projetos predatórios, são os grandes incentivadores para que esses contratos sejam assinados".

O secretário da Associação de Defesa do Ambiente, Leonardo Peres, declarou que "a intervenção da Polícia Militar na passeata ecológica demonstra que a força policial está defendendo não os interesses da Nação, mas dos grupos estrangeiros interessados na exploração da madeira da Amazônia e dos minérios existentes na região". Sallentou ainda que "a decisão de se explorar a madeira ou os minérios na região tornam-se mais graves quando sabemos que o Governo tem conhecimento que a Amazônia se transformará em um deserto se se praticarem esses planos de inspiração de multinacionais".

Precisões exatas a respeito de quem realmente possui este ou aquele trecho de mata, que pode ficar situado a centenas de quilômetros do posto policial ou militar mais próximo, o direito dos índios e um desenvolvimento nacional lógico, tudo isso não interessa absolutamente a esses homens. A Amazônia está sem dúvida produzindo um novo tipo de "cangaço", melo herói, melo vilão, parte Robin Hood, parte malfetor. Jack London e Euclides da Cunha, autor de "Os Sertões", se teriam sentido em casa hoje na Amazônia.

As perdas florestais já foram imensas. O dr. Kerr calcula que 30% das florestas amazônicas já foram destruídas. "E a menos que façamos logo algo", disse ele, "as coisas daqui por diante vão piorar ainda mais. Nós estamos jogando fora nosso futuro".

Segundo o dr. Kerr, uma ameaça maior do que os ocupantes são as grandes companhias, muitas delas multinacionais, que participam agora de quase todos os aspectos do desenvolvimento da Amazônia — agricultura, silvicultura, pecuária e indústria. O dr. Kerr se opõe ao seu poder, à sua arrogância e aos métodos "alheios (ao País) e portanto perigosos" para a Ecologia da Amazônia, que elas trazem de fora. Tais empresas, disse ele, podem causar mais prejuízos em um ano, do que todos os colonizadores de toda uma geração.

"Nós sabemos o que não se deve fazer na Amazônia e é isso, muitas vezes o que fazem as grandes companhias em escala maciça. Mas nós ainda não sabemos o que deve ser feito. Só eventualmente".

As desconfianças do dr. Kerr a respeito dessas companhias são

compartilhadas por uma grande maioria de brasileiros. Os grandes investimentos na Amazônia, especialmente os norte-americanos, foram prejudiciais à área.

"Eles vão sugar tudo para eles próprios", disse um oficial do Exército no Pará. "Então nós, brasileiros, os donos legítimos, seremos postos para trás, voltando à estaca zero. Provavelmente até pior do que isso".

O Governo pensa de outro modo e acolhe bem os investimentos de onde quer que venham. O argumento é de que são necessárias quantidades astronômicas de capital para desenvolver a Amazônia e o Brasil sozinho não tem esse dinheiro e nem o terá por muito tempo.

O maior dos empreendimentos estrangeiros até aqui realizados na Amazônia é a fazenda de 2 milhões de hectares de Daniel Ludwig, dos Estados Unidos, para cultura do arroz e reflorestamento, o Projeto Jari.

O dr. Kerr não se opõe ao Projeto Jari como simples experiência. Por maior que seja, a extensão do Jari é uma gota d'água na Amazônia, pequena demais para abalar o ecossistema. O que ele e muitos outros temem é a constante proliferação de tais empreendimentos, até a Amazônia ser toda destruída com resultados lamentáveis para todo o planeta.

E os observadores econômicos brasileiros e internacionais "descobriram" maneiras — e certamente descobrirão outras mais — de desenvolver a Amazônia, sem prejudicar sua ecologia precariamente equilibrada.

Em Santarém, porto que fica exatamente a meio caminho de Belém e de Manaus, o Amazonas, cuja cor de sangue se mistura com a cor da terra, corre ao longo do leito Norte. O rio Tapajós, de um azul amarronzado, corre ao longo do leito Sul durante alguns quilômetros, antes que o rio principal se encontre com ele e forme um só caudal, adquirindo então a cor de lama que lhe é própria. Esse encontro de águas diz muito sobre o futuro agrícola da Amazônia.

Todos os rios da Amazônia, de um modo geral, podem ser divididos em "brancos" e "negros". Os rios negros correm nos planaltos desgastados pela erosão, como os da Guiana ou do Planalto Central do Brasil e sem depósitos de aluvião. Os rios brancos, dos quais o Amazonas é o mais famoso, correm em terras baixas, depois de sua descida dos Andes, carregando sedimentos em suas águas e substâncias nutritivas, das quais os rios negros são totalmente desprovidos.

Tanto os rios brancos como os negros inundam grandes extensões de terra em toda estação, deixando as várzeas alagadas durante mais de meio ano. As várzeas compreendem 8% da Amazônia. Até recentemente, elas eram consideradas inúteis, mas especialistas descobriram que onde as várzeas são inundadas pelos rios brancos, o potencial para a lavoura é imenso. Durante a estação seca, quase nada se desenvolverá nas várzeas, mas sua fertilidade é renovada gratuitamente todos os anos.

"Nós podemos estabelecer nas várzeas uma agricultura tão rica quanto a do Nilo", diz o dr. Muthoo. "E não se gastará um centavo em fertilizantes".

As poucas experiências feitas com esse novo sistema agrícola ultrapassaram todas as expectativas. As várzeas dos rios brancos devem ocupar apenas 3 ou 4% das terras, mas isso na Amazônia corresponde a uma área imensa.

Similarmente, técnicas novas e originais estão sendo descobertas para a silvicultura da Amazônia, assim como para quase todas as outras atividades. A ciência pode desenvolver os segredos da Amazônia, de tal modo que aquilo que poderia ter sido uma gigantesca caixa de Pandora, se torne uma gigantesca arca de tesouros.

"Quase tudo é ainda uma interrogação", comenta o dr. Kerr. "E essa é a razão pela qual se precisa dar tempo ao tempo. Não devemos matar a galinha de ouro antes que ela choque os ovos. O tempo dirá, meu amigo".